

MEMÓRIAS, COMO CONHECI PAULO FREIRE

Marina Lima Leal, Café com Paulo Freire de Canoas/RS¹

Resumo:

Este relato apresenta, inicialmente, como conheci Paulo Freire, nos anos de 1960, uma vez que retrata o meu primeiro encontro com nosso grande educador. De lá para cá, venho acompanhando a sua trajetória, estudando e divulgando o seu legado a partir da minha prática como educadora. Nesse sentido, esta narrativa faz um breve retrospecto da biografia de Freire, ressaltando como o autor se fez presente na minha vida, até chegar ao Café Paulo Freire Canoas/RS, este espaço de troca de saberes e de reinvenção do pensamento freiriano, do qual participo atualmente.

Palavras-chave: Paulo Freire. Canoas. Memórias.

No início dos anos 1960, quando cursava o Normal, no Colégio São José, na cidade de Montenegro (RS), minha terra natal, a nossa turma recebeu a visita da montenegrina Rosemary Petry, que fez um convite à participação de um Curso a ser ministrado por Paulo Freire, em Porto Alegre, sobre o método de alfabetização de adultos.

Fiquei interessada e logo me candidatei a fazê-lo.

À primeira vista, acompanhado de Elza, sua primeira esposa, e de uma secretária, deu para perceber que apesar de ser um sábio, Paulo era um homem simples, com profunda formação religiosa.

Na época, João Goulart era presidente do Brasil e Paulo de Tarso Santos, seu ministro de educação. Pelo êxito da experiência de alfabetização em Angicos (RN), Paulo de Tarso o convidou para expandir seu método por todo o território nacional. Daí sua vinda a Porto Alegre.

No curso, Paulo Freire detalhou seu método revolucionário, que conseguia alfabetizar em 45 aulas. O mesmo partia da discussão do que era objeto da natureza e o que era objeto cultural, para que se entendesse o conceito de cultura e, então, concluir que não existe cultura superior à outra, mas culturas diferentes, que se complementam.

1. Escritora, professora, cientista social (UFRGS), especialista em Ecologia Humana (UNISINOS). Dirigente do 20º Núcleo/CPERS, conselheira estadual do CPERS, representante de base da CNTE. Secretária de Educação de Canoas (1986/87) e Coordenadora da 27ª CRE (1999/2002). Contato: marinall16@yahoo.com.br

Depois de ampla discussão, eram escolhidas as palavras com maior significado no universo vocabular daquela comunidade. A partir da escolha das palavras, começavam as discussões sobre seu significado. Após esse despertar da consciência o educador partia para o processo de alfabetização.

Eu pertencia, naquela ocasião, à Juventude Estudantil Católica (JEC). Percebi logo a relação que havia entre esse método de alfabetização e a maneira como vínhamos trabalhando na Ação Católica. E a partir dali, não pude mais deixar de admirar e acompanhar a sua trajetória.

Paulo, com suas andarilhagens se tornou conhecido como um educador progressista, começando a incomodar as forças conservadoras da sociedade brasileira. Sua metodologia foi utilizada no Brasil, em campanhas de alfabetização e, pelo fato de despertar a consciência crítica dos alunos, Freire passou a ser acusado de subverter a ordem constituída, sendo preso após o golpe militar de 1964, por tal 'subversão'.

Pouco tempo depois ele foi solto, no Recife, sua terra natal. Mas após tomar conhecimento de que seria novamente preso, decidiu se exilar. Viajou, então, para o Chile, um dos únicos países democráticos da América Latina, governado pelo democrata Cristão Eduardo Frey. Quando lá chegou, encontrou muitos brasileiros e foi muito bem recebido. Foi nesse país, que Paulo escreveu a Pedagogia do Oprimido.

Em Genebra, entre 1970 e 1980, trabalhando no Conselho Mundial das Igrejas, se tornou mundialmente conhecido, consagrando-se como educador e filósofo da educação. Vale ressaltar que, no início dos anos 1970, Freire trabalhou na África, mais especificamente na Guiné-Bissau, cuja experiência se encontra registrada na obra "Cartas a Guiné-Bissau".

Quanto a mim, no período em que ele esteve exilado, cursei licenciatura em Ciências Sociais na Universidade Federal do Rio Grande do Sul e não lembro de algum professor que desse ênfase à obra de Paulo Freire, talvez por vivermos num período de ditadura. Também comecei a minha carreira como professora na rede estadual de ensino e, em 1969, iniciei a lecionar no curso Normal numa escola particular. Por todo este período, Paulo esteve praticamente esquecido.

Destaco que como professora da rede estadual logo me associei ao Centro de Professores do Estado do Rio Grande do Sul (CPERS), por entender a importância da luta coletiva. Começava aí uma longa trajetória de militância

sindical, onde as ideias e a prática de Paulo Freire me inspiravam à busca por um mundo melhor.

Finalmente chegou a anistia e a família Freire voltou para o Brasil. Em 16 de junho de 1980, Paulo voltou para reaprender o seu país.

Nos anos 1980 trabalhou em São Paulo como professor da PUC e da Unicamp. Ganhou vários prêmios internacionais de universidades, organizações internacionais e de cidadão de várias cidades. Neste período, visitou Porto Alegre mais uma vez, e fui revê-lo, no auditório da Assembleia Legislativa, superlotado, com todos aqueles que o admiravam e não queriam perder a oportunidade de reencontrá-lo. Eu o reencontrei envelhecido, mas amoroso por seu povo e seu país, com o entusiasmo que tinha há mais de 20 anos.

Em 1989 foi secretário de educação de São Paulo, durante a administração da prefeita Luiza Erundina. Afastou-se do cargo em 1991, mas continuou no colegiado. De 1991 a 1997 seguiu trabalhando intensamente, mas os problemas de saúde surgiam com mais intensidade. Publicou vários livros durante esse período, sendo o último a “Pedagogia da Autonomia”.

Em 1998, já após a sua morte, Olívio Dutra, do Partido dos Trabalhadores, assumiu o governo do Estado do Rio Grande do Sul e, durante o período de seu governo, fui coordenadora da 27ª Coordenadoria Regional de Educação. Foi, sem dúvidas, um período riquíssimo e de reencontro com o legado de Paulo, em busca de reinventá-lo e mantê-lo vivo. Na ocasião, estudei sua obra com a equipe, e juntos/as tentamos aplicar a sua pedagogia. Naquele contexto, o Rio Grande do Sul realizou a “Constituinte Escolar”, que resultou em/de um processo de ampla discussão com a comunidade escolar, partindo das perguntas: “Que Escola temos e que Escola queremos?”, culminando com a Conferência Estadual que definiu os Princípios e Diretrizes da Escola Democrática e Popular. Todo este rico processo foi abandonado pelos governos que se sucederam.

De lá para cá, muita coisa mudou. Conquistas e retrocessos sinalizavam para a descontinuidades das políticas públicas. E como resistir a tudo isso? Foi assim que, em março de 2019, foi criado o “Café com Paulo Freire” em Canoas, quando a convite da professora Lúcia Barcelos passei a participar, em mais um reencontro com Freire. Era maio do mesmo ano, quando participei da primeira reunião.

Hoje, continuo lendo e aprofundando o seu legado. É um espaço de estudos, debate e reencontro da esperança - ante esta conjuntura tão desfavorável à educação transformadora. Prossigo, portanto, com os sonhos e lutas de Paulo.